

Aquelas mulheres de farda

As enfermeiras da FEB

*Daniel Mata Roque**

Introdução

Em 1º de setembro de 1939 iniciou-se, oficialmente, aquele que viria a ser o maior conflito armado da história, com até então impensáveis números de combatentes envolvidos, de armamentos poderosos, de novas tecnologias, de vítimas. A invasão da Polônia pela Alemanha, apoiada pela Itália, provoca declarações de guerra da França e da Inglaterra. O Eixo recebe a adesão do Japão, que já havia invadido a China. A União Soviética assina um pacto de não-agressão com a Alemanha, mas seria invadida por esta em 1941. Todo o continente americano, capitaneado pelos Estados Unidos, manteve inicialmente a neutralidade. A guerra ainda duraria seis anos.

À época o Brasil era governado por Getúlio Vargas, que chegara ao poder na Revolução de 1930 e já havia promulgado duas constituições. A então em vigor, decretada em 1937 com claras inspirações fascistas, fechou o Congresso, proibiu partidos políticos, suspendeu eleições e conferiu poderes ditatoriais ao presidente que, apesar disso, desfrutava de grande prestígio popular após editar medidas legais de amparo ao

trabalhador e iniciar grande modernização do Estado brasileiro.¹

O governo brasileiro relutou muito em escolher um lado na guerra, por diversas razões econômicas e ideológicas. Grande parte da cúpula estadonovista era simpática à Alemanha nazista e ao sistema fascista de governo. Por outro lado, em um país agrário e eminentemente rural, o governo ansiava pela industrialização e pela modernização das Forças Armadas, esperançoso de que conseguiria ambos em troca de apoio ao esforço de guerra. Caberia, ainda, decidir a qual dos lados.²

Em 07 de dezembro de 1941 a base naval americana de Pearl Harbor é atacada de surpresa por tropas japonesas. Os Estados Unidos declaram guerra aos países do Eixo, no que são seguidos, aos poucos, pelos demais países americanos participantes da III Conferência de Chanceleres das Repúblicas Americanas, realizada no Rio de Janeiro em janeiro de 1942, sob a liderança do Chanceler brasileiro Oswaldo Aranha.

O Brasil rompeu relações diplomáticas com Alemanha e Itália na sequência, em 28 de janeiro de 1942.³

* Cineasta e memorialista. Especialista em Ciência Política (2018), Mestrando da Universidade Salgado de Oliveira (2019). 2º Vice-Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Pesquisador Associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. danielmataroque@gmail.com

O país já havia sido atacado mesmo antes. A primeira vítima brasileira na Segunda Guerra Mundial faleceu em 22 de março de 1941. O navio Taubaté, da Marinha Mercante Brasileira, navegava no Mar Mediterrâneo, do Chipre para Alexandria, devidamente identificado com bandeiras nacionais e levando apenas mercadoria. Foi metralhado por um avião alemão e, “apesar dos lenços brancos içados e de ter parado as máquinas, sofreu ataque por mais de setenta minutos”⁴. O ataque matou, metralhado no convés, o conferente José Francisco Fraga. Deixou ainda vários outros tripulantes feridos.

Após o rompimento diplomático, submarinos do Eixo passaram a afundar navios brasileiros por toda a costa, invadindo nossas águas nacionais. Em agosto, após seis navios afundados em apenas uma semana, imensa pressão popular tomou as ruas do país exigindo a declaração de guerra, assinada em 31 de agosto de 1942. Ao final da guerra, o país teve cerca de trinta e um navios atacados ou afundados, vitimando, ao todo, quase mil e quinhentas pessoas, entre tripulantes (da Marinha Mercante), militares (da Marinha de Guerra) e civis, incluindo mulheres e crianças.

Respondendo à agressão, o Brasil criou, em 09 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviada em 1944 para lutar contra os nazi-fascistas na Itália. A FEB, com tamanho de uma Divisão de Exército, contou com mais de

vinte e cinco mil combatentes, entre militares e civis voluntários ou convocados, e foi comandada pelo General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. A tropa brasileira atuou subordinada ao comando do V Exército Americano, no teatro de operações do Mediterrâneo. Do esforço de guerra também participou ativamente a então recém-criada Força Aérea Brasileira (FAB), com o 1º Grupo de Aviação de Caça, enviando cerca de quinhentos militares, entre pilotos, técnicos e especialistas, para atuarem na Itália. No Brasil, a Marinha de Guerra teve a responsabilidade de proteger a costa (juntamente com a Defesa de Costa, composta de Exército e Força Aérea) e de realizar comboios dos navios mercantes nacionais até o Caribe e a Europa.

Nas três Forças, destacou-se a atuação do serviço de saúde, em muitos casos organizados mesmo pela necessidade da guerra. O cuidado de guerra é integrante indissociável de qualquer narrativa bélica e extrapola mesmo os limites e a temporalidade do próprio conflito, onde combate amparado apenas pela cruz vermelha bordada em sua farda e luta, em aparente contrassenso, para salva vidas amigas e inimigas.

Figura 1 – Enfermeiras brasileiras no 38º Evacuation Hospital, em Pisa. Da esquerda para a direita: Maria José Aguiar, Wanda Sofia Magewsky, Helena Ramos, Ondina Miranda de Souza, Elita Marinho, Sylvia Pereira Marques, Jurgleide Dóris de Castro, Silvia de Souza Barros, Maria do Carmo Correia e Castro, Heloísa Cecília Villar, Maria Luiza Vilela Henry, Maria Belém Landi, Novembrina Augusta Cavallero.

Fonte: Acervo Socorro Sampaio, Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Distrito Federal (ANVFEB-DF).



O serviço de saúde da FEB

No caso brasileiro, o serviço de saúde que seguiu para a guerra, principalmente no Exército, já que a FEB representou o maior contingente brasileiro em combate, merece destaque.

Reunindo médicos, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos e padioleiros, o 1º Batalhão de Saúde foi criado somente em 1944, já para compor a Força Expedicionária Brasileira. Além do Batalhão, o serviço de saúde incluiu ainda os Destacamentos Regimentais (inseridos nos Regimentos de Infantaria, nos Grupos de Artilharia e nos Batalhões especiais), o Posto Avançado de Neuropsiquiatria e a Seção Brasileira de Hospitalização, anexa aos hospitais de sangue norte-americanos.

Alunos de medicina e odontologia tiveram as formaturas adiantadas em alguns meses em suas faculdades, para poderem embarcar em tempo, seguindo para a guerra já como profissionais, oficiais militares da saúde, em face da carência de pessoal e estrutura (a título de exemplo: dos 176 oficiais médicos, apenas 84 eram militares da ativa, menos da metade).⁵

A guerra trouxe um marco histórico relevante e uma transformação irreversível, partindo da área da saúde, pois foi a primeira vez que mulheres ingressaram nas Forças Armadas brasileiras, voluntariando-se como enfermeiras tanto no Exército (foram 67 para a guerra) quanto na Força Aérea (foram 06 para a guerra).

O serviço de saúde da FEB reuniu cerca 1.369 componentes, das mais diversas especialidades e patentes⁶ e foi comandado pelo Coronel-Médico Emmanuel Marques Porto.

Na FEB, o serviço de saúde era composto de uma Seção de Comando, três Companhias de Evacuação (cada uma com um Pelotão de Padioleiros, um Pelotão de Posto de Socorro e um Pelotão de

Ambulâncias) e uma Companhia de Tratamento, que possuíam os elementos necessários para instalar um Posto de Socorro Divisionário. Nesses PSD os feridos e doentes recebiam tratamento imediato, sendo depois evacuados para o Posto de Triagem Divisionário [...]⁷

Na sequência, o ferido era evacuado para hospitais na retaguarda, comandados pelo V Exército Americano, onde também atuaram médicos brasileiros e todas as enfermeiras da FEB.

Em reconhecimento, o comandante brasileiro, General Mascarenhas de Moraes, conseguiu ao serviço de saúde da FEB expressivo elogio, do qual destacamos um pequeno trecho:

[...] Verdadeiros heróis da grande luta contra a morte, esse exército de padiolas e bisturis faz, do mesmo modo que o de canhões e baionetas, grande dano ao alemão que nos defronta. Cada soldado reconstituído é um soldado furtado à sanha adversa.

Eis por que me sinto ufano de ser chefe desse belo conjunto de eficiência que é o serviço de saúde, com os seus meios de execução – o Batalhão e os Destacamentos Regimentais. Que prossigam nessa atividade, é o único desejo do comandante da FEB [...]⁸



Figura 2 – Enfermeiras da FEB Helena Ramos, Altamira Pereira Valadares e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero em ambulância alemã capturada.

Fonte: Acervo Margarida Bernardes.

As enfermeiras da FEB

*Ofenderam a nossa bandeira,
A mulher brasileira também teve opinião.
Nós seremos enfermeiras
E, se for preciso, manejamos o canhão.*
(Composição: Rubens Campos e Sebastião Lima –
1942. Intérprete: Dircinha Batista)

Após a entrada do Brasil na guerra e o início dos preparativos para o envio das tropas à Europa, o Exército Americano, ao qual a FEB ficaria subordinada durante a campanha, solicitou que compusesse também a FEB um corpo de enfermeiras, que pudessem atender os brasileiros e render as enfermeiras americanas, em atividade na guerra desde 1941.

No serviço de saúde do Exército, que não dispunha de enfermeiras, iniciou-se essa transformação. Através do Decreto-lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.⁹

DECRETO-LEI Nº 6.097, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1943

Cria o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Ficado no Serviço de Saúde do Exército o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.

Art. 2º O presente decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1943, 122º da Independência e 55º da República.

GETÚLIO VARGAS

Eurico G. Dutra¹⁰

Na sequência, abriu a inscrição para o voluntariado de enfermeiras. Segundo a Veterana Elza Cansação, a motivação não seria outra:

E foi assim que a mulher brasileira, que sempre foi alicerce desta Pátria livre e forte, não podia nesse momento crucial se furtar ao chamado pátrio. Revoltadas com as agressões sofridas, procuraram uma forma de tomar parte no revidar ao agressor.

Com a premência da organização do QERE, o Exército aceitou mulheres com diferentes tipos de formação e experiência. Como pré-requisito, deveriam ser solteiras ou viúvas, maiores de 21 anos e com alguma formação em enfermagem.

Parte das enfermeiras era “diplomada”, ou seja, havia cursado o equivalente a um curso de nível superior em escolas da época, como a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), a Escola Alfredo Pinto (EAP) e a da Universidade de São Paulo (USP). O curso tinha a duração de três anos e esse grupo representou a minoria do grupo.

Outro grupo de enfermeiras era o de “samaritanas”, formadas pela Cruz Vermelha Brasileira em um curso de um ano, próximo do que seria, hoje, uma formação mais técnica.

A maior parte das enfermeiras da FEB, no entanto, era de “voluntárias socorristas”, também formadas em curso ministrado pela Cruz Vermelha Brasileira, com duração de três meses, voltado para formação emergencial e com alta procura, motivada pela contingência da guerra. Muitas mulheres que concluíram este curso trabalhavam em outras áreas, não possuíam nenhuma experiência na área da saúde e procuraram a enfermagem especificamente com o objetivo de seguirem para o voluntariado da guerra.

Muito embora carregassem bagagens acadêmicas, formação e experiência muito diversas, sendo ainda um grupo bastante heterogêneo quanto a condição e origem econômica, muitas enfermeiras compartilhavam o passado militar

no sangue: eram filhas, netas ou sobrinhas de generais e almirantes brasileiros, de alguma forma ligadas à vida militar, com parentes ou amigos na FEB. Algumas descendiam de heróis da Guerra da Tríplice Aliança, como foi o caso das enfermeiras Aracy Arnaud Sampaio e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

Para seguirem com a FEB, as enfermeiras, com seus diferentes diplomas, foram matriculadas no Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), em que receberiam treinamento específico de enfermagem, aulas de educação física e adaptação à vida militar, com treinamento de marcha e ordem unida. Foram classificadas como civis, “enfermeiras da reserva de 3ª classe”, nomenclatura criada para a ocasião, com soldo equivalente ao de sargento. Já na Itália, em contraste com as enfermeiras norte-americanas, com patentes que variavam de tenente a coronel, foram arvoradas pelo comandante da FEB ao posto de 2º tenente, mantendo o soldo de sargento.

Os cursos do CEERE foram ministrados em variados estados do país, vinculados às Regiões Militares das capitais no Rio de Janeiro, Ceará, Bahia, Minas Gerais e Paraná. Os cursos formaram cerca de 120 enfermeiras. Para a FEB seguiram 67.

As enfermeiras foram enviadas em diversos escalões, em 1944, por via aérea. Os grupos fizeram escalas em variados locais do continente africano, como Casablanca, Dakar e Argel, chegando finalmente a Nápoles. O grupo precursor, de cinco enfermeiras, chegou na véspera do primeiro escalão de combatentes, em 15 de julho de 1944. As demais chegaram na sequência, sendo distribuídas pelos diversos hospitais norte-americanos, ficando subordinadas à Seção Brasileira de Hospitalização de cada unidade, comandadas

por médicos brasileiros, subordinados ao comando do hospital, norte-americano.

As enfermeiras vivenciaram na guerra as mesmas conhecidas dificuldades encontradas por nossos combatentes, como o inédito frio europeu, a dificuldade de comunicação em inglês ou em italiano, os hábitos novos, o próprio serviço e a duríssima realidade de uma guerra. A enfermeira Elza Cansação costumava dar como exemplo de novidade e necessidade de adaptação a própria medida do termômetro: as brasileiras, acostumadas aos graus Celsius, precisaram calcular e converter para graus Fahrenheit.

Mais além, precisaram lidar com questões próprias, por serem as primeiras mulheres militares admitidas oficialmente em toda a história brasileira.

O movimento nos hospitais foi intenso, movimentando quase metade da tropa brasileira, incluindo feridos de guerra, doentes, acidentados e combatentes que trouxeram problemas pré-existentes de vários tipos, incluindo doenças tropicais, problemas dentários e doenças sexualmente transmissíveis.

O movimento de brasileiros pela linha de atendimento hospitalar, durante os onze meses de permanência em ação, [foi intenso, totalizando] 10.776 pacientes [entre doentes e feridos]. É preciso ressaltar que foram para a Itália 25.334 brasileiros [na FEB, e mais cerca de 500 na FAB]. [...] Apenas 49 pacientes brasileiros faleceram nos hospitais.¹¹

É preciso destacar, ainda, que os profissionais brasileiros, de igual forma, “atenderam indistintamente brasileiros, americanos, ingleses, alemães e italianos”¹². Em abril de 1945, já no apagar das luzes da guerra na Europa, quando rendeu-se à FEB a 148ª Divisão de Infantaria

Alemã, conjuminada com outras tropas nazi-fascistas, em efetivo de quase quinze mil combatentes inimigos, foram entregues ao nosso Batalhão de Saúde centenas de feridos do Eixo, que foram tratados com humanidade por nossos médicos e enfermeiros.



Figura 3 – Enfermeira Lúcia Osório fardada e carregando o Pavilhão Nacional durante o treinamento do CEERE no Rio de Janeiro, na Fortaleza de São João.

Fonte: Acervo Margarida Bernardes.

Embora não atuando diretamente no *front*, não foi distante da guerra a rotina das enfermeiras. A jornada de guerreiras cobrou seu preço e algumas tiveram que ser evacuadas de volta ao Brasil por não resistirem à penosa adaptação da jornada

de trabalho ou por terem sofrido ferimentos. Algumas, feridas, prosseguiram na missão.

A enfermeira Elza Cansação Medeiros sofreu um acidente no hospital em que chefiava as enfermeiras brasileiras, o 7º Station Hospital, em Livorno, na noite de 23 de dezembro de 1944. Ao percorrer o trajeto do hospital para sua barraca, sem lanterna, teve início um alarme de ataque aéreo. Correu para um jipe americano, onde seus ocupantes procuravam abrigar-se sob o veículo. Ao desviar da rota que sempre seguia, no escuro, caiu em uma cratera aberta pela explosão de uma granada, fissurando uma perna e causando uma lesão na coluna.

A enfermeira Aracy Arnaud Sampaio foi ferida durante a explosão de uma mina terrestre dentro do hospital quando servia também no 7º Station Hospital.

Um italiano, em serviço de limpeza da área interna, ao cavar o chão com uma picareta, fez explodir uma mina anticarro. A explosão foi medonha! Grande foi o estrondo que se fez ouvir e quase houve pânico no Hospital. Todos correram para verificar o que tinha acontecido. Nas enfermarias, alguns doentes foram atirados fora dos leitos, muitas vidraças quebradas e outros objetos destroçados. O italiano ficou reduzido a pedaços e havia sangue em várias partes. A mina anticarro estava enterrada em lugar onde diariamente passávamos para o refeitório.¹³

Atingida pela explosão quando transportava um ferido na enfermaria, Aracy teve um tímpano perfurado, perdendo totalmente a audição do ouvido esquerdo pelo resto da vida, e foi reformada pelo Exército logo na sequência do retorno ao Brasil.

Além da guerra, perigos naturais também afetaram os hospitais da retaguarda.

Em novembro de 1944, com o transbordamento do rio Arno, represado pelos alemães, foi preciso evacuar às pressas o 38º Evacuation Hospital, que comportava cerca de mil pacientes e equipes de saúde brasileira e americana. O hospital, totalmente alagado, foi perdido.

Pouco depois, foi a vez do 16º Evacuation Hospital, instalado também em barracas e localizado no centro da cidade de Pistóia, ser atingido por um incêndio, provavelmente provocado por uma explosão de éter, que destruiu sua parte central. Foi preciso evacuá-lo às pressas.

Foi, de fato, uma guerra. Violenta e cruel, para todos os envolvidos.

E foi assim, de maneira decisiva, que o serviço de saúde amparou a árdua luta brasileira durante a guerra, colaborando, direta e indiretamente, para as vitórias nacionais na libertação de Montese, na tomada de Monte Castello, nas conquistas de La Serra, Castelnuovo e Collecchio e na histórica rendição de Fornovo.

Nas palavras da lendária major Elza: “e foi assim que a mulher brasileira, que sempre foi ali-cerce desta Pátria livre e forte, não podia nesse momento cruciante se furtar ao chamamento pátrio. Revoltadas com as agressões sofridas, procuraram uma forma de tomar parte no revide ao agressor”¹⁴.

Conseguiram! 

Pioneiras, veteranas e centenárias As enfermeiras da FEB ainda entre nós



Figura 4 – Capitão Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, 101 anos
Fonte: Acervo Margarida Bernardes



Figura 5 – 1ª Tenente Carlota Mello, 104 anos
Fonte: Acervo do Autor

Referências

BERNARDES, Margarida Maria Rocha. **O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

BLAJBERG, Israel. **Uma visão sobre a FEB e seu serviço de saúde**. Palestra proferida na Policlínica Militar de Niterói, em 08 de novembro de 2017.

CAMERINO, Olímpia de Araújo. **A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1983.

MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

MEDEIROS, Elza Cansação. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987.

NETO, Lira. **Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. **Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de Guerra nº 1 – Anjos de Branco: o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)**. Curitiba, PR: Editora Progressiva, 2010.

Notas

¹ NETO, Lira. *Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

² NETO, Lira. *Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

³ MEDEIROS, Elza Cansação. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987. p. 18.

⁴ MEDEIROS, Elza Cansação. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987. p. 19.

⁵ BLAJBERG, Israel. *Uma visão sobre a FEB e seu serviço de saúde*. Palestra proferida na Policlínica Militar de Niterói, em 08 de novembro de 2017.

⁶ RIGONI, Carmen Lúcia. *Diários de Guerra nº 1 – Anjos de Branco: o Serviço de Saúde da FEB na Itália salvando vidas (1944-1945)*. Curitiba, PR: Editora Progressiva, 2010. p. 57.

⁷ BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003. p. 43.

⁸ MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. *A FEB pelo seu Comandante*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército Editora, 2005. p. 320-321.

- ⁹ MEDEIROS, Elza Cansanção. E foi assim que a cobra fumou. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987. p. 222.
- ¹⁰ BRASIL. Decreto-lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943. Sítio digital da Câmara dos Deputados. Acessado em 20/04/2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6097-13-dezembro-1943-416127-publicacaooriginal-1-pe.html>
- ¹¹ MEDEIROS, Elza Cansanção. E foi assim que a cobra fumou. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987. p. 112.
- ¹² OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- ¹³ CAMERINO, Olímpia de Araújo. A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1983. p. 52.
- ¹⁴ MEDEIROS, Elza Cansanção. E foi assim que a cobra fumou. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987. p. 112.